

**O Novo (e Precário) Mundo do Trabalho: Reestruturação  
Produtiva e Crise do Sindicalismo\***

**de Giovanni Alves**

**Uma Nova Análise**

por Terezinha Ferrari\*\*

Uma das mais recentes reflexões sobre o complexo de transformações que vêm ocorrendo nos processos produtivos industriais, seu impacto sobre a classe operária e a prática sindical principalmente a vinculada aos sindicatos da região industrial do ABC é a análise contida no livro de Giovanni Alves *O novo (e precário) mundo do trabalho: reestruturação produtiva e crise do sindicalismo*

Entre outras qualidades o caráter de síntese teórica torna este trabalho indicação obrigatória para as reflexões em andamento sobre este processo. O livro já se tornou referência entre as entidades representativas dos trabalhadores e entre os produtores de conhecimento orientador das ações do trabalho. A Confederação Nacional dos Metalúrgicos, a CUT e o DIEESE têm encontrado nas análises de Giovanni Alves suporte teórico para novos balanços e reflexões<sup>1</sup>.

Em ampla análise, o autor recupera os últimos 20 anos de reestruturação produtiva nas automobilísticas do ABCD paulista, pólo catalizador destas transformações, faz um balanço da produção acadêmica brasileira e propõe novas abordagens.

São duas décadas largamente analisadas. Nos anos 80 emerge o contexto histórico do chamado “novo sindicalismo”, originário das efervescentes greves de 78 a 80 no ABC. Sindicalismo de caráter ofensivo, classista e reivindicatório organizado em uma fase de ascenso das lutas sociais e da acumulação capitalista na qual o toyotismo como “momento predominante” da atual reestruturação produtiva estava apenas sendo implantado de modo “restrito nas principais indústrias da região”. A década de 90, ao contrário, vai encontrar um sindicalismo de participação e a implantação sistêmica do toyotismo.

O toyotismo como “momento predominante” da reestruturação produtiva é uma das chaves para a compreensão do arcabouço teórico que o livro condensa. Imediatamente o autor elucida a expressão explicitando-a

---

\* São Paulo, Boitempo, 2000.

\*\* Professora da Fundação Santo André, doutoranda em Ciências Sociais PUC-SP e membro do NEILS

<sup>1</sup> Ver *Indústria Automobilística e Trabalho*, CNM/CUT – Subseção DIEESE, São Paulo, 2001

como uma determinação predominante do sentido e da direção do processo. No mundo industrial, a reestruturação do complexo capitalista produtor de mercadorias, nas últimas três décadas, orientou-se inexoravelmente pelos sentidos expressos e sintetizados nas formas do toyotismo.

Os nexos essenciais deste conjunto organizativo, prático e teórico, do trabalho está enraizando-se inevitavelmente nas formas de acumulação capitalista e já é sua parte intrínseca.

Através do processo de produção intrafábrica, o toyotismo reconstituiria a hegemonia do capital instaurando de modo pleno a subsunção real da subjetividade operária à lógica do capital. Não a sociedade, mas somente a fábrica racionalizada, segundo Alves, é a pretensão do toyotismo. Para tanto, pelo obscurecimento da perspectiva de classe, instaura-se uma nova captura da subjetividade operária pelo capital.

A síntese categorial que o autor procura fazer através de rico diálogo com a produção da sociologia do trabalho desta última década, principalmente, no Brasil, vai na direção de relevar os “nexos essenciais” em oposição a abordagens que limitam-se somente ao levantamento dos nexos “contingenciais” e organizacionais do toyotismo.

A nova captura da subjetividade operária, o novo estranhamento indispensável para o desenvolvimento da ‘produção destrutiva’ do capital nas condições de mundialização, são os nexos essenciais que dão os contornos ideológicos e estruturais deste mecanismo organizacional do trabalho que vem sendo sistematicamente implantado no Brasil nos últimos dez anos.

A flexibilidade na produção passa a assumir uma fundamentação inédita relativamente às décadas anteriores de hegemonia do capital. Para seu funcionamento, o capital exige o pleno desenvolvimento, um desenvolvimento real e não apenas formal de um novo processo de captura da subjetividade operária. Este é o nexo essencial do toyotismo que o torna “momento determinante” da atual reestruturação produtiva do capital.

A classe operária antes de ser erradicada do processo societário é nexo fundamental da atual forma de produção, porém uma classe operária comprometida e envolvida por um controle social de novo tipo. É preciso buscar o “consentimento operário, um dos principais requisitos para a obtenção da qualidade e da produtividade”. Envolver e integrar os trabalhadores nos valores da empresa demonstra a persistência da luta ideológica no campo de produção e a ação do capital em desestruturar a resistência intrínseca dos trabalhadores.

Entre outros, os nexos organizacionais contingenciais do toyotismo são os programas de qualidade total, o just in time/kanban ou os bônus de salários vinculados à lucratividade. No livro: O novo (e precário) mundo do trabalho, o sistema intrafábrica articulado pelos mecanismos do just in time

interno ou externo, é considerado como uma inovação organizacional contingencial cujo ‘segredo’ é promover mais um conjunto de reagregações das tarefas produtivas, com o espírito de incorporar a subjetividade operária como constituidora do novo complexo de produção de mercadorias.

A nova captura da subjetividade operária - o novo é categoria recorrente na análise de Giovanni Alves - é a essência fundante dos processos toyotizados.

Especificamente, o autor encontra nas décadas de 80 e de 90 distinções flagrantes. Enquanto nos anos 80, o toyotismo restrito era a tônica do capital instalado e enfrentava um sindicalismo ofensivo de novo tipo, nos anos 90 ocorre uma “abrupta” ruptura. Constitui-se uma nova estrutura de acumulação e não um mero “ajuste reativo” capaz de instaurar uma nova hegemonia do capital na produção, baseada nas transformações neoliberais. As ações dos governos centrais brasileiros nos anos 90 mesclam-se com o novo ciclo de crescimento mundializado implantando o toyotismo sistêmico cuja essência de captura da subjetividade operária traz resultados específicos para o sindicalismo brasileiro.

A partir deste quadro Giovanni Alves analisa a explosão (e crise) do sindicalismo sem deixar de dialogar com outras correntes do pensamento brasileiro sobre o tema.

Em um sentido de busca de precisão da crise, o autor indica que é o novo complexo de reestruturação produtiva em época de mundialização do capital que debilitará o poder sindical no Brasil, e não a estrutura corporativista, descentrada e desenraizada dos sindicatos. Em si mesma esta estrutura apenas aprofunda a crise, mas não é sua verdadeira causa.

A renição ideológica-política do trabalho organizado à lógica do capital no campo da produção gera um defensismo do novo tipo, um sintoma claro da crise do sindicalismo. Diferentemente, nos anos 80 os sindicatos do ABC tinham uma “estratégia de confronto” com o capital, uma prática de resistência à reestruturação produtiva e aos apelos de desmonte ideológico da classe. Nos 90, uma nova prática de “concertação social”, de “influência propositiva” torna-se predominante e os sindicatos tornam-se incapazes estrategicamente em se contraporem ao capital. O resultado, acertadamente indicado por Giovanni Alves, parece ser seu recolhimento à esfera institucional sem perspectivar algo que vá além do plano econômico-corporativo.

Pela análise e pelas conclusões, O novo (e precário) mundo do trabalho. Reestruturação produtiva e crise do sindicalismo, claramente é um estudo de fôlego sobre o presente estado em que se encontra o mundo do trabalho. Estado que Giovanni Alves enfrenta com sólidas categorias de análise e por isto já é referência e indicador prático e teórico das atuais lutas do trabalho contra o capital.